

**DIÁLOGOS ENTRE REALIDADE E FICÇÃO:
A REPRESENTAÇÃO DE CHICO MENDES NA MINISSÉRIE AMAZÔNIA,
DE GALVEZ A CHICO MENDES**

Aila Rodrigues Pantoja (UFAM)¹

Resumo: O presente artigo expõe um estudo sobre a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* de Gloria Perez (2007), especificamente no que diz respeito à representação da personalidade histórica Chico Mendes. A análise seguirá de modo a compreender como ocorre a representação no plano ficcional dos acontecimentos históricos presentes na minissérie. Baseada nos romances *O Seringal*, de Miguel Ferrante e *Terra Caída*, de José Potyguara, exibida pela Rede Globo no período de 02/01/2007 a 06/04/2007, com 55 capítulos a minissérie narra a história do Acre, última região a ser incorporada ao território brasileiro em 1904.

Palavras-chave Chico Mendes, literatura, história, ficção.


Introdução

O presente artigo propõe uma análise da minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, de Gloria Perez (2007), especificamente, no que diz respeito à personalidade histórica Chico Mendes, que é apresentada na terceira fase da minissérie e compreende a trajetória do seringalista. Baseada nos romances *O Seringal* de Miguel Ferrante e *Terra Caída*, de José Potyguara, exibida pela Rede Globo no período de 02/01/2007 a 06/04/2007, contando com 55 capítulos narra a história do Acre, última região a ser incorporada ao território brasileiro em 1904.

O enredo é dividido em três fases históricas, que são mescladas com narrativas ficcionais – na primeira fase encontramos o percurso de duas famílias: a do seringueiro Bastião e a do seringalista, Coronel Firmino.

A segunda fase traz o personagem histórico Plácido de Castro, um jovem militar que resolve tentar a sorte e fazer fortuna demarcando seringais no norte do país. Por fim, na terceira fase encontramos a saga de Chico Mendes, sindicalista, ativista e político engajado, que apreensivo com a exploração descomedida da floresta amazônica e da força de trabalho dos seringueiros, bem como o abandono destes por parte do Estado e da sociedade, que sequer têm um olhar para o Acre, toma para si a causa dos seringueiros.

¹ Mestranda em Letras, Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Amazonas, UFAM. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM (E-mail: ailarpantoja@hotmail.com).



O objetivo do presente estudo é analisar como se estabelecem os diálogos entre realidade e ficção na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* no que diz respeito à personalidade histórica Chico Mendes. A análise seguirá de modo a compreender como ocorre a representação no plano ficcional dos acontecimentos históricos presentes na minissérie. A pesquisa de caráter bibliográfico tem como suporte os escritos de Souza (1990), Benchimol (2009), Lima (2009) dentre outros. Assim, a personagem Chico Mendes é construída unindo fatos históricos e ficcionais que se entrelaçam com vistas à representação de uma realidade histórica a partir de uma ótica artística, mas ao mesmo tempo criando uma narrativa verossímil.


A representação da trajetória dos seringueiros na Ficção e na História

Quando pensamos na trajetória de Chico Mendes inevitavelmente não há como não associá-la à trajetória dos seringueiros na Amazônia, já que Mendes é descendente de migrantes cearenses que chegaram a Amazônia nas primeiras décadas do século XX para trabalhar na extração do látex em seringais no Acre.

São as secas do nordeste que tangem para as cidades do litoral essa população de famintos assombrosos devorados das febres e das bexigas e a preocupação exclusiva do poder público consiste em libertá-las o quanto antes daquela invasão de bárbaros. Mandavam-nos para a Amazônia — vastíssima e despovoada — o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. Nunca os acompanhou um só agente oficial ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem... E não desapareceram. E naquele extremo sudoeste amazônico [...] cem mil sertanejos, ou cem mil ressuscitados repatriavam-se de um modo original e heróico: dilatando a pátria até aos terrenos novos que tinham desvendado (CUNHA, 1999, p.20).

A trajetória dos seringueiros na Amazônia é retratada tanto pela literatura quanto pela história, as duas disciplinas remontam a saga dos seringueiros na Amazônia. No plano histórico, os documentos nos mostram trajetória desses migrantes, em sua maioria nordestinos, vindos principalmente do Estado do Ceará. De acordo com Benchimol:

Desde o início do ciclo da borracha até 1960, aproximadamente 500.000 nordestinos vieram à Amazônia, representando assim o maior movimento humano das migrações internas da história brasileira, superado apenas pela migração pau-de-arara para São Paulo (2009, p.53).




Porém, as migrações não ocorreram somente por motivos de fuga, mas também porque eram atraídos pela possibilidade de fazer fortuna em um curto espaço de tempo na floresta de *heveas*. A Amazônia era vendida como o Eldorado, terra das bem aventuranças, lugar de delícias e prazeres, pois o dinheiro seria fácil de ganhar.

Os migrantes nordestinos acreditavam que poderiam formar um grande patrimônio e assim voltar à sua terra natal com melhores condições financeiras do que partiram, bem ao modo de tantas outras personagens, os chamados coronéis da borracha, sobre os quais eles ouviam estórias de enriquecimento rápido. E foi com a promessa de melhoria de vida, prosperidade e até mesmo em busca de aventuras que milhares de nordestinos chegaram à Amazônia com a bagagem cheia de sonhos os quais viriam a se tornar grandes pesadelos.

Com vistas a formar um grande contingente de trabalhadores para os seringais na Amazônia os coronéis da borracha faziam um verdadeiro financiamento para atrair os nordestinos, com a “garantia” de boas condições de trabalho, lucro e prosperidade. Acreditando nessas promessas milhares de trabalhadores encaminharam-se para Amazônia, tendo suas despesas “custeadas pelos seringalistas”, porém, ao chegarem aos seringais eram informados pelos coronéis que teriam que pagar todos os gastos referentes à viagem, assim descobriam que foram ludibriados e dia após dia trabalhariam arduamente para sanar essa dívida, que, na verdade, só aumentaria com o passar dos tempos, tendo em vista que o pagamento pela sua produção nos seringais era mínimo e tudo o que precisavam no que diz respeito à alimentação em geral teriam que comprar do dono do seringal a preços exorbitantes, fazendo com que estes contraíssem mais dívidas e impedindo-os de deixar os seringais, já que a quitação da dívida era condição para isso. Nas palavras de Souza:

O seringueiro, retirante nordestino que fugia da seca e da miséria, era uma espécie de assalariado de um sistema absurdo. Era aparentemente livre, mas a estrutura concentracionária do seringal o levava a se tornar um escravo econômico e moral do patrão. Endividado, não conseguia mais escapar. Se tentava a fuga, isto podia significar morte ou castigos corporais rigorosos. Definhava no isolamento, degradava-se como ser humano, era mais um vegetal do extrativismo (...) (2010, p.109).



Temos esse fato bem descrito em uma cena da teledramaturgia, na minissérie *Amazônia*, de Galvez a Chico Mendes, de Glória Perez (2006), no qual é mostrada a indignação do migrante nordestino Bastião ao chegar com sua família ao Seringal Santa Rita e descobrir que fora enganado:

Bastião: - Na hora de contratar ninguém me falou que era desse jeito, Seu Coronel. Tá certo que eu não *preguntei* antes, mas isso é caso até de recorrer ao juiz.

- Coronel Firmino: - Juiz? Mas que juiz? Onde é que *cê* pensa que *tá*? Aqui no meu seringal mando eu! Aqui eu sou o juiz. Juiz, delegado, imperador, papa, rei e ninguém se mete a besta, não! E na lei daqui só tem um artigo: é o 44 (mostrando a espingarda). É bala! (2006, DVD 1).


Assim, temos a ficção no território da verossimilhança, ou seja, daquilo que sem ser real, poderia ter acontecido dentro daquele contexto histórico.

A Minissérie: Amazônia, de Galvez a Chico Mendes.

Baseada nos romances *O Seringal* de Miguel Ferrante e *Terra Caída* de José Potyguara, a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* – de Gloria Perez (2007) narra a história do Acre, última região a ser incorporada ao território brasileiro em 1904.

A trama inicia em 1899 no Acre, remonta a trajetória de seringueiros na Amazônia no período áureo da borracha, época em que a região era única produtora da borracha – látex – e desta forma tinha os olhos do mundo voltados para ela.

A narrativa é dividida em três fases históricas – na primeira fase encontramos o percurso de duas famílias: a família do seringueiro Bastião e do seringalista, coronel Firmino. Fugindo da seca que assolava a região nordeste, Bastião e sua família migram para o Acre com o desejo de melhoria de vida e ascensão social, porém, ao chegar ao Acre, no seringal Santa Rita, de propriedade do coronel Firmino, percebe que fora iludido, assim como tantas outras famílias que ali chegaram. Bastião e sua família tem sua mão de obra explorada pelo seringalista que além de controlar todos os seus gastos ainda o obriga a contrair dívidas, deixando-o sem alternativas senão submeter-se aos desmandos do coronel.




Quanto às personagens históricas, temos na primeira fase Luiz Galvez - O enredo demonstra a chegada do espanhol em Manaus, bem como seu movimento pela conquista do Acre, criando assim o Estado Independente do Acre.

Também merece destaque o personagem histórico Plácido de Castro, um jovem militar que resolve tentar a sorte e fazer fortuna demarcando seringais no norte do país. Em meio às suas viagens à região, Plácido, em uma de suas idas a Manaus, é convidado pelo poeta Orlando Lopes – que na tentativa de expulsar os bolivianos que ocupavam o Acre fora derrotado – ao liderar um novo confronto, porém, desta vez ensinando técnicas de guerra à tropa.

A segunda fase da minissérie é representada por meio de tramas ficcionais, como da personagem Augusto, filho de coronel Firmino, que na primeira fase é apresentada como um jovem justo. Tem sua personalidade modificada e surge como um homem tão ou mais injusto e desumano do que seu pai fora.

Na terceira fase da minissérie é apresentada a saga de Chico Mendes. Apreensivo com a exploração descomedida da Floresta Amazônica e dos seringueiros, bem como o abandono destes por parte do Estado e da sociedade, surge como alguém que busca dar voz àquela parcela da população, visando o cumprimento dos deveres e obrigações que o país possui para com eles. Juntando todos os problemas que assolavam os seringueiros ainda somava-se a exploração dos fazendeiros locais que desflorestavam grandes áreas para transformá-las em pasto. Dessa forma, Chico Mendes juntamente com outros amigos funda o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, unindo seringueiros e índios em prol de uma mesma causa, e aguça a ira dos fazendeiros locais. Com vistas a enfraquecer o movimento sindicalista os fazendeiros mandam assassinar um dos líderes do sindicato – Wilson Pinheiro – causando grande comoção, porém Chico Mendes não desiste de seus objetivos e tem apoio de amigos influentes e admiradores de sua causa, dentre estes Mary Alegretti e o cineasta inglês Adrian Leopoldo.

Por meio de seus amigos influentes Chico Mendes consegue apresentar suas convicções em uma reunião nos Estados Unidos, alcançando a atenção para a causa dos seringueiros e da Amazônia. Seu discurso gera impacto e Chico Mendes é entrevistado pelo Jornal *The New York Times*. O mundo todo passa a conhecer sua causa, sensibilizando assim autoridades internacionais, o que acarreta ao corte de financiamento aos fazendeiros no Acre, fato que gera revolta entre eles e faz com que



estes planejem a sua morte. No dia 22 de Dezembro de 1988, Chico Mendes é assassinado em sua residência, em Xapuri, pequeno município do estado do Acre, e morre nos braços de sua esposa Ilzamar.

Relações entre Literatura e História

A literatura e a história são campos de conhecimento que dialogam pelo fato de uma utilizar-se da outra com vistas à explicação de algum fenômeno (fato) ou mesmo para fins de entendimento.

A história tal como a literatura é uma narrativa que constrói o enredo e desvenda uma trama. A história é uma urdidura discursiva de ações encadeadas que por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significados no tempo. [...] Assim, no sistema de representações sociais construídas pelos homens para atribuir significado ao mundo, ao que se dá nome de imaginário, a literatura e a história teriam seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referencia o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo (PESAVENTO, 2003, p.33).

Assim, habitualmente recorremos a estas áreas de conhecimento com o objetivo de reproduzir uma realidade. Uma das maiores discussões em torno deste tema é a questão da representação dos fatos retratados por ambas as disciplinas, enquanto a história conta com documentos oficiais que, teoricamente, atestam a veracidade do discurso histórico, a literatura não necessita de comprovações para evidenciar os fatos expostos.

Porém, a discussão entre essas relações é antiga e advém desde a antiguidade quando Platão no livro *X da República* defende a ideia de que “a imitação poética está afastada das realidades supremas, porque a matéria dos poemas são as aparências de um mundo de aparências” (PLATÃO, 2002, p. 604). O autor afirma ainda que “o poeta vive no erro e faz cópia da cópia, a cópia desvirtuada do real” (p. 604). Contrariando Platão, Aristóteles assevera que não é encargo do poeta expor a realidade e sim encenar a possibilidade do acontecimento, do que seria possível, verossímil e necessário. Diz ainda que “o historiador e o poeta não diferem por escreverem em verso ou prosa (...), diferem sim, em que um diz as coisas que sucederam e o outro as coisas que poderiam suceder” (ARISTÓTELES, 1993, p. 50).

Desse modo, temos duas visões diferentes acerca das relações entre história e literatura, enquanto que para Platão literatura a imitação significava distanciamento,

falsidade e ilusão, para Aristóteles imitação seria o lugar da verossimilhança, ou seja, da representação.

Conforme Affonso e & Sidney Chalhoub: “para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico” (1998, p.6), relato de acontecimentos no qual se busca descrever a ação ou das ações elencados por personagens diversos. Essa possibilidade de uso da literatura segundo Silveira (2006), como documento histórico, foi possível graças ao debate historiográfico que ocorreu a partir de 1960, problematizando novos temas e objetos, inserindo-os nos campos das paixões e não somente das racionalidades, buscando análises que privilegiavam os sentimentos e as sensibilidades na reconstrução da história.

Dessa maneira, podemos compreender as relações entre história e literatura e suas aproximações como forma de entendimento e explicação de acontecimentos de uma temporalidade passada, no que diz respeito a questões que norteiam os homens em cada época de sua história, no seu momento histórico, em seu espaço de atuação. Desta feita podemos dizer que as duas disciplinas têm por objetivo a reconstrução de um passado, sendo este “real” ou “imaginário”, porém, tendo em vista critérios de credibilidade e verossimilhança, dessa forma, uma obra ficcional contém traços históricos visto que essa é ambientada em um determinado tempo histórico, carregando traços daquela sociedade, e pode, sim, ser um documento histórico.

A representação Histórica e Ficcional em Amazônia, de Galvez a Chico Mendes




Fonte: <https://educacao.uol.com.br/biografias/chico-mendes>



Fonte: <http://amazonia.globo.com/Series/Amazonia/Personagem/>

A minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, de Glória Perez (2007), retrata a história do Acre, última região a ser incorporada ao território brasileiro, em 1904. A obra apresenta a trajetória de três personalidades que marcaram a história do




lugar: Luiz Galvez, espanhol que proclamou a independência do Acre, em 1899; Plácido de Castro, jovem militar do Rio Grande do Sul que liderou o movimento armado dos seringueiros contra os interesses da Bolívia e por fim, a personagem Chico Mendes que lutou pelos interesses dos seringueiros frente ao descaso do Estado para com estes e também pela causa da preservação da Amazônia. Para efeito desta pesquisa focaremos na personagem Chico Mendes.

Na terceira fase da minissérie nos é apresentada a trajetória de Chico Mendes, jovem ambientalista que lutou e deu voz aos seringueiros na Amazônia, na pequena cidade de Xapuri, no município do Acre. Francisco Alves Mendes da Silva, mundialmente conhecido como Chico Mendes, nasceu em 15 de dezembro de 1944, na cidade acreana de Xapuri. Exercendo a profissão de seringueiro, um ofício que aprendera ainda na infância com o pai, que era migrante cearense, Chico Mendes destacou-se como sindicalista e ativista político engajado com questões ligadas à preservação ambiental da Amazônia. Por sua luta em defesa dos seringueiros, ganhou reconhecimento internacional, mas também despertou a ira de grandes fazendeiros que exploravam as terras as quais ele queria ver preservadas.

Como não havia escolas nos seringais, Chico Mendes foi analfabeto até por volta dos 20 anos. Aprendeu a ler com o militante comunista Euclides Távora, que, fixando residência em Xapuri, impressionou-se com a inteligência do menino e decidiu instruí-lo, inclusive orientando-o posteriormente na função de secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, município do Acre. Como sindicalista, encampou acirradas lutas na década de 1970 contra o desmatamento da região, de forma pacífica, por meio dos “empates”, que consistiam na ação dos seringueiros em “empatar” o desmatamento, protegendo as árvores dos tratores e motosserras com seus próprios corpos, “abraçando” coletivamente essas árvores.

A terceira fase da trama inicia na década de 80 e nos apresenta Chico Mendes, em sua fase adulta. Interessante que, para ligar os três momentos (fases) da minissérie, a autora nos apresenta Chico Mendes em um diálogo com Bento, que é uma personagem ficcional, a única que permaneceu na narrativa. Bento é inserido na narrativa por volta de 1910 (o ano não é precisamente informado na minissérie, mas sabemos por meio dos acontecimentos históricos apresentados, que foi no final do primeiro ciclo da borracha). Filhos de migrantes cearenses, que fugindo da seca e da miséria que assolavam a região




nordeste, vieram para Amazônia em busca de melhores condições de vida e, como tantos outros, foram ludibriados. E por falar nessa relação entre história e ficção, já que Chico Mendes é uma personagem histórica, alguém que de fato existiu, e Bento uma personagem ficcional, retomando o que foi dito por Aristóteles em *Poética* cabe ao poeta relatar as coisas que poderiam acontecer, ora se Bento era uma migrante seringueiro que viveu naquela época de exploração da borracha e sobreviveu às intempéries do tempo, poderia ele, sim, ter conhecido Chico Mendes, isso claro, dentro de uma realidade ficcional, pois não há relatos sobre a existência dessa personagem que não os ficcionais.

Na minissérie também é retratada a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, uma associação que desencadearia a luta dos seringueiros por seus direitos negados. Na cena mostrada vemos a primeira vez que a palavra sindicato é citada aos extrativistas, os quais não faziam ideia do que se tratava e nem como poderia ajudá-los, entretanto Chico Mendes recorda-se do seu tempo de infância quando foi alfabetizado pelo militante Euclides de Távora e, pela primeira vez, ouviu o termo: “se um dia chegar aqui no Acre uma coisa chamada sindicato, você entra” (PEREZ, 2007, DVD5). Com a ajuda de Mendes o sindicato foi criado no ano de 1977 e tinha por objetivo a luta pelo direito da posse de terras pelos nativos, visto que os seringueiros estavam sendo expulsos com emprego de violência de suas terras por fazendeiros que descampavam grandes áreas para transformar em pasto.

Também é mostrada a estratégia do “empate” que consistia no impedimento da derrubada de árvores por parte dos fazendeiros. Seringueiros e familiares colocavam-se em círculo ao redor das árvores formando uma verdadeira corrente humana com o propósito de impossibilitar a derruba da floresta. O primeiro empate conhecido se deu no Seringal Carmen, em 10 de março de 1976 (GONÇALVES, 2003, p.77).

Outro fato histórico que encontramos retratado na dramaturgia diz respeito à viagem a Miami, onde Mendes discursou na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pediu o fim do financiamento para construção da BR-364, que atravessaria Rondônia até o Acre.

Os olhos atentos, carregando uma maleta de plástico azul, Chico Mendes ia praticamente arrastado pelo fluxo de passageiros que acabavam de desembarcar no aeroporto de Miami. (...) Mas Chico não estava em Miami para cumprir a alegre e dispendiosa rotina da



maioria dos turistas brasileiros que ali desembarcam (SOUZA, 1990, p.19).

Na minissérie essa cena recebe grande ênfase, já que a partir daí que a personagem irá aguçar ainda mais a ira de seus inimigos, que não o perdoariam por tal ato de afronta a seus interesses econômicos e passariam a tramar sua morte.


Na última cena da minissérie é mostrado o episódio da morte de Chico Mendes, e antes disso, também vemos os relatos de denúncias do seringueiro aos meios de comunicação informando que estava sofrendo ameaças por parte dos fazendeiros locais, nada é feito pelas autoridades da região. No dia 22 de Dezembro de 1988 Chico Mendes é assassinado a mando de Darli e Darci Alves. Na dramaturgia vemos cruzamentos entre história e literatura, já que ao mostrar as cenas do sepultamento do seringueiro são mescladas cenas fictícias e reais, aparecem fotos, vídeos do enterro de Mendes e a carta que este escreveu antes do acontecido é narrada pelo ator Cássio Gabus Mendes, que na ficção viveu Chico Mendes:

Não quero flores no meu enterro, porque sei que elas serão arrancadas da floresta! Quero apenas que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços no Acre, que sob a proteção da polícia de 75 pra cá já mataram mais de 50 pessoas como eu, líderes seringueiros, empenhados em defender a Floresta Amazônica e fazer dela um exemplo de que é possível progredir sem destruir. Vou para Xapuri ao encontro da morte (MENDES, 1988).

Considerações Finais

Como afirmado anteriormente, a literatura e a história são campos de conhecimento que dialogam e criam momentos de verossimilhança, uma realidade perceptível, que pode ser notada facilmente pelo telespectador. A minissérie por meio da reconstrução do enredo refaz uma parte da história pouco conhecida pelo Brasil, envolvendo pessoas que ainda estão ocultas na história de nossa nação, sua vida, sua exploração e a dependência que em frente aos desmandos dos coronéis. A rudeza da vida no trabalho e a dura cerviz do lugar constituem uma prisão, tendo a floresta como os muros intransponíveis.

A trajetória de Chico Mendes confunde-se com a dos seringueiros na Amazônia, e quando pensamos no plano ficcional, a história entrelaça-se com a ficção e, assim,



temos no terreno da verossimilhança o campo ideal a reconstituição dessa personagem pouco conhecida na história do Brasil.

Os seringueiros tornaram-se protagonista de sua própria história, interrompida por um ato brutal, o assassinato de um dos maiores homens que existiu no norte do país – Chico Mendes. A partir daí o Brasil acordou para uma realidade tensa que acontecia Amazônia, as constantes lutas entre seringueiros, grileiros e madeireiras, os muitos descasos, a falta de políticas públicas e o alcance inexistente de governos omissos revelaram uma realidade ainda atual. Ficção e realidade coexistem, são planos que emergem para a compreensão de nossa realidade atual, ainda presente na Amazônia. A história dessa personagem representa a trama de cada um de nós, ainda carentes de políticas de governos. Sua importância foi tamanha que a minissérie de Glória Perez, no plano ficcional retrata um contexto histórico da região norte que, ainda hoje, funciona como denúncia social.

Referências

AMAZÔNIA de Galvez a Chico Mendes. Direção Marcos Schechtman. Rio de Janeiro: Globo Marcas, 2007. 7 DVDs.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 3. ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.

BENCHIMOL, Samuel. *Formação Social e Cultural: Amazônia*. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História Contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CUNHA, Euclides. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O mundo como texto: leituras da história e da literatura”. *História da Educação*, ASPHE/FAE/UFPel, Pelotas, v. 7, n.14, p33, set.2003. <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220/pdf>> acesso em: 22/07/2017.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Geografando nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à temporalidade seringueira (a reserva extrativista)*, Brasília: Ibama, 2003.

LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do Ciclo da Borracha: A Selva, Beiradão, O amante das Amazonas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.



PLATÃO. *República*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisierien.

SILVEIRA, Cristiane. *Entre a história e a literatura: A identidade nacional em Lima Barreto*. *História: Questões & Debates*, Curitiba : Editora UFPR, n. 44, p. 115-146, 2006.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 3º edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

_____. *O Empate contra Chico Mendes*. 2.ed. São Paulo: Marco Zero, 1990.